

História local, memória e arte: Investigando possibilidades de ensino

Local history, memory and art: Investigating Teaching Possibilities

Késya de Oliveira Nobre¹

241

Resumo: O presente estudo é parte de minha pesquisa de mestrado² que alça compreensões sobre memórias e histórias do Porto de São Mateus localizado ao Norte do Espírito Santo, o Porto de São Mateus, considerado enquanto patrimônio histórico-cultural. Este estudo tematiza o entrelaçamento de arte, memória e história local, em uma análise bibliográfica, baseando-se nas discussões de autores como Le Goff (2013), Nora (1993), Bloch (2001) Assmann (2014) e Pesavento (2006). Problematicando o afastamento do ensino de história local do Porto de São Mateus-ES, do contexto das salas de aula, busco neste estudo tecer reflexões sobre as potencialidades da literatura local em interligar as narrativas às transformações históricas e representações deste lugar, passíveis de serem trabalhadas e questionadas no contexto educacional dos anos finais do Ensino Fundamental, a fim de suscitar aproximações e análises sobre a história do tempo presente, que conecta passado, presente e futuro.

Palavras-chave: Ensino; Memória; Arte; Investigação.

Abstract: This study is part of my master's³ research that understands memories and stories of the Port of São Mateus located in the North of Espírito Santo, the Port of São Mateus, considered as a historical-cultural heritage. This study thematizes the intertwining of art, memory, and local history, in a bibliographic analysis, based on the discussions of authors such as Le Goff (2013), Nora (1993), Bloch (2001) Assmann (2014) and Pesavento (2006). Problematicating the distancing of the local history teaching of the Port of São Mateus- ES, from the context of the classrooms, I seek in this study weave reflections on the potentialities of local literature in interconnecting the narratives to the historical transformations and representations of this place, which can be worked and questioned in the educational context of the final years of elementary school, in order to arouse approximations and analyses on the history of the present time, which connects the past, present and the future.

Keywords: Teaching; Memory; Art; Investigation.

Introdução

No curso das investigações sobre as tramas da memória de que se envolve a pesquisa em andamento, buscando compreender as transformações

1 Bolsista FAPS, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB/UFES), graduação em Pedagogia - Licenciatura pela Universidade Federal do Espírito Santo.

2 Pesquisa apoiada e incentivada pela FAPES.

3 Research supported and encouraged by FAPES.



socioeconômicas e representações sociais do Porto de São Mateus entre os anos de 1960 até os dias atuais, encontramos nas bases de discussões teóricas da professora alemã Aleida Assmann em sua obra “Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural” (2011), uma relação muito interessante entre memória e arte. Este artigo propõe-se adentrar na temática, se caracterizando enquanto estudo bibliográfico, que busca alcançar compreensões da relação entre memória, história e arte, assim como tecer análises de um conto literário sobre o local histórico pesquisado, o Porto de São Mateus, por fim investigar as possibilidades de ensino que entrelacem tais manifestações.

O município de São Mateus, localizado no norte do estado do Espírito Santo, apresenta um importante patrimônio histórico e arquitetônico que resultou no reconhecimento e tombamento do Sítio Histórico Porto pelo Conselho Estadual de Cultura, por meio da Resolução nº 01/1976.

O Porto de São Mateus ganha importância a partir do século XVII, inicialmente como um espaço de transações comerciais e depósito de mercadorias e posteriormente, no século XIX são edificados os primeiros sobrados. A pesquisa de Russo (2007, p.16) destacou a importância fundamental do porto para o desenvolvimento da vila de São Mateus, para então se tornar a cidade, de mesmo nome, em suas configurações mais primordiais com as transações Econômicas e Comerciais, de farinha e café:

O Cricaré possuía um porto principal na povoação que vai se formando sob o nome de São Mateus. O porto foi o responsável pelo futuro desenvolvimento econômico, social, político e regional, com seu comércio ativo no largo a beira do rio, já que se tratava de um porto fluvial, servindo de entreposto comercial para as embarcações que transitavam a costa brasileira, entre as Províncias da Bahia e do Rio de Janeiro principalmente.

A fim de preservar e proteger as características histórico-culturais do Porto de São Mateus, em 1976 ocorreu o tombamento deste patrimônio pelo Conselho Estadual Cultural. Segundo as informações do site da Secretaria de Estado da Cultura (SECULT), o ato de tombamento deve servir como “instrumento de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural e pode ser



feito quando os bens possuem uma importância histórica, etnográfica, cultural, artística ou paisagística para a sociedade ou para parte dela.” (ESPÍRITO SANTO, 2021). Entretanto, os estudos de Marques (2019) apontam o insucesso da valorização em prática, apesar do Porto ao decorrer da história de São Mateus, ter exercido um papel de centralidade em tempos coloniais, provinciais e republicanos, na atualidade demonstra que os processos das tentativas de valorização deste lugar histórico não foram suficientes para desfazer preconceitos existentes e os resultados são claros: O distanciamento da população mateense a este lugar.

Este contexto reflete na educação e no ensino de história local. Tal distância desta história é problematizada por Marques, o autor expõe assim no desenvolvimento de sua pesquisa o afastamento da população, alunos e professores em relação ao sítio histórico Porto, afirmando em seus estudos o fundamental papel de experiência no sentido de aproximar-se e ressignificar seus sentidos mais históricos.

Ainda segundo o Marques (2019, p.123) o Sítio Histórico Porto “... guarda fragmentos da história local e, se lido à contrapelo, pode nos oferecer novas visões, memórias esquecidas, pontos de vista que outrora eram ignorados sobre a história local.”. Vemos assim que é possível identificar uma forte potencialidade da memória. Mas quais são as aproximações que podem ser feitas entre memória, arte e história?

Memória, Arte e História

Memória, Arte e História, são três palavras distintas, com significados diferentes, claro, mas que são passíveis de relações entre si. Reconhecemos a complexidade e amplitude que caracterizam os três termos, contudo dentro dos limites do trabalho destacaremos alguns autores que consideramos chaves de compreensão para este diálogo, e então discorreremos sobre os seus entrelaçamentos com elementos da história local do Porto.

A memória, chamada de “nebulosa” por Le Goff (2013), historiador francês contemporâneo, destaca que esta possui muita relevância em estudos que perpassam variadas áreas como a psicologia, a neurofisiologia, a biologia



e a psiquiatria. Ela é definida por Le Goff enquanto uma propriedade que temos de conservar informações. Esse detalhe de conservação de informações é bem importante para compreender como essa capacidade de memória foi sendo utilizada ao decorrer das civilizações. A mais antiga faceta, chamada “arte de memorizar” ou mnemotécnica foi um método desenvolvido nas sociedades mais primitivas, continuou muito difundida em práticas pedagógicas na Idade Média, e, mesmo na atualidade é possível identificarmos essa dimensão da memória. Entretanto com as transformações sociais a memória foi assumindo outras variadas funções e formas nas sociedades, principalmente no campo de disputas de poder:

Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são revelados destes mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 2013, p.422).

Deixar seu nome na história da fama, ou registrar suas genealogias, foram formas de dominações de grupos e famílias. Você pode imaginar: “*Então posso chamar esse tipo de memória de história, não é mesmo?*” Não mesmo. Por mais que por muito tempo se acreditou que sim, segundo Le Goff “A memória pode conduzir à história ou pode distanciar-se dela” (2013, p.434). Desta forma o autor aponta que a memória está sujeita a manipulações conscientes ou inconscientes e que também pode ser afetada por interesses, afetividade, desejos, inibições e censura, sendo assim o trabalho com memória é mais complexo e delicado do que se parece, necessitando sempre de levantamento questionamentos e aprofundamento de reflexões. Então em que se diferem memória da história?

Para compreender a diferença entre memória e história convidamos para este diálogo o historiador Pierre Nora, que analisa o jogo dialético entre memória e história, se associa às vertentes da Nova História⁴ e discute aspectos da memória e da história. No texto “Entre memória e História: a

⁴ Os preceitos da Nova História estão ligados a aspectos da construção cultural, as variações temporais com ênfase no relativismo cultural, interessando-se assim por todo tipo de atividade humana.



problemática dos lugares” de Nora (1993, p.9) são tematizados e problematizados elementos da cultura e da experiência francesa, além da aceleração da história e desmoronamento da memória na modernidade:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno o presente; a história, uma representação do passado. [...] A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo.

A partir deste fragmento, entendemos que a memória é a vida em curso, simplesmente em curso e em transformação, entre o lembrar e o esquecer, suscetível a manipulações, seja dos sentimentos, invenções, são subjetivas, as memórias são memórias, não buscam criticidade em si mesmas. Já a história demanda crítica, problematização análise, estuda a relatividade, o contínuo. *“Então memória e história são totalmente opostas?” Não!*

O tema da memória é abordado pela autora Aleida Assmann (2014), professora alemã atuante na área dos Estudos literários e Ingleses, desenvolvendo também estudos da antropologia cultural e memória. De maneira muito bem elaborada, não se limita a apresentar conceitualizações sobre a memória, mas discute e expõe as transformações e funções da memória de acordo com os tempos e significados que lhe foram atribuídas em cada espaço temporal das organizações sociais, destacando continuidades, descontinuidades, perpetuação, esquecimentos, características e aspectos políticos movimentados pela via da memória.



Entendemos que a memória se inscreve no curso da história de várias maneiras pelo viés das representações, e mais especificamente aqui trataremos das representações por via da Arte literária. Assmann (2014) afirma que a “arte tematiza aspectos do lembrar e esquecer”. Desta forma, a Arte, abrange um lugar na memória e nas representações, ou melhor, um espaço de recordação e tensão, segundo Assmann ao falar da atual crise da memória cultural, relaciona memória e arte, em que a “... Arte começa a se ocupar mais fortemente da memória justamente no momento em que a sociedade faz pressão para que a memória se perca ou seja apagada.” (ASSMANN, 2014, p.26).

Cricarópolis: O Cricaré na Literatura e no Ensino

“O Porto”, escrito pelo professor Roberto de Sousa Lé, publicado no ano de 1992 é um livro que possui 16 contos e histórias das mais variadas possíveis, tematizadas com tramas que se passam em um lugar chamado “Cricarópolis”, que remete ao Porto, localizado às margens do rio Cricaré. Os assuntos dos contos variam desde aspectos políticos, religiosos, festas, vida conjugal, amizades etc.

Cricarópolis encontrou, afinal, o seu destino glorioso. Dos seus vultos do passado – políticos, heróis desbravadores, operários de todas as categorias ou mesmo boêmios- só vagas recordações afloram nas mentes de algumas pessoas, pois agora, todos estão imbuídos de grandes responsabilidades trazidas pelo progresso, onde não há mais lugar nem tempo para fofoca, nem mesmo em portas de comadres, bares e cabarés do Porto. (LÉ, 1992, p.73).

Na fala acima encontramos correspondências com a crise da memória cultural citada anteriormente. Lé (1992), de certa forma caracteriza a crise moderna em seu Epílogo, ilustrando o fim das narrativas e as demais responsabilidades trazidas pelo progresso. O historiador Nora (1993) também aponta exatamente para uma aceleração da História, tratando de um particular momento das sociedades contemporâneas que sofrem com a ruptura de um “passado morto”.



Em suma existe a ideia de que o papel da memória, enquanto experiência de compartilhar, que antes era um sinônimo da própria vida intrínseca do movimento das sociedades, perde esse papel nas sociedades modernas, industriais e urbanizadas. Nora (1993) problematiza o distanciamento das sociedades atuais com a memória social, devido a aceleração das relacionadas aos aspectos como o da mundialização, massificação e midiaticização.

A fim de refletir o trabalho com essas narrativas no âmbito educacional destacamos o livro de contos “O Porto” enquanto sugestão de material de apoio a professores dos anos finais do ensino fundamental, pois o livreto é um mergulho em memórias e histórias, um misto de imaginações, que revelam sobre o Porto de São Mateus. Lé (1992, p.9) ao iniciar o livro descreve que todos os contos, são frutos de conversas e narrativas informais com antigos amigos e residentes do Porto. Segundo o autor as histórias são acrescidas de “exageros, malícias e fantasias.”. Nos comentários existentes nas “orelhas” da obra, feitos por amigos e colegas do autor, fica claro o intuito de que essas histórias fossem contadas com expressões mais próximas do povo, com erros gramaticais e gírias. Ao nosso ver, é o que deixa essas narrativas ainda mais interessantes. A autora Pesavento sobre esses aspectos da vida intrínsecos na Literatura afirma que tais obras são sim uma fonte em si mesma:

Admitimos que a literatura é fonte de si mesma enquanto escrita de uma sensibilidade, enquanto registro, no tempo, das razões e sensibilidades dos homens em um certo momento da história. Dos seus sonhos, medos, angústias, pecados e virtudes, da regra e da contravenção, da ordem e da contramão da vida. A literatura registra a vida. Literatura é, sobretudo, impressão de vida. E, com isto, chegamos a uma das metas mais buscadas nos domínios da História Cultural: capturar a impressão de vida, a energia vital, a energia presente no passado, na raiz da explicação de seus atos e da sua forma de qualificar o mundo. (PESAVENTO, 2006, p.9).

Partindo da percepção da autora sobre a literatura, nos parece interessante e vitalmente importante o trabalho com tais estilos de narrativas e memórias com estudantes, a fim de que manifestações artísticas literárias façam aproximações com esta história viva que a autora descreve com a vida cotidiana do alunado. Inicialmente há um cuidado aqui para não cairmos em



reducionismos quando tratamos da Arte em sala de aula. De fato, existe na Base Nacional Curricular Comum (2017) uma designação das unidades temáticas dos anos finais (6º ao 9º Ano) aspectos sobre Patrimônio Cultural inserido na temática de Linguagens – Arte, entretanto cabe também citar a crítica feita à Base nacional Curricular Comum pelo autor Peres (2017, p.31), ao expressar os termos do sentido da Arte enquanto apenas um suporte para compreensão dos elementos da língua portuguesa:

A Arte como um componente dentro da Área de Linguagem corre o risco de se tornar apenas uma disciplina acessória que ajudará a compreender determinado conteúdo de Língua Portuguesa ou de Literatura, acarretando na negligência de seus conteúdos próprios que ajudam na reflexão e na crítica de objetos artístico-culturais situados em diversos tempos históricos e em diferentes contextos culturais.

A proposição desta investigação, longe de ser uma experiência para fins conteudistas, se pauta exatamente na reflexão e na crítica, compreendendo a importância do acesso às memórias. Entendemos a partir de Le Goff (2013, p.470) que “...são as sociedades cuja memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.”. Por isso conotamos a valorização dos contos de histórias locais, enquanto potenciais materiais para exercer esse papel de reflexão em sala de aula, tornando possível analisar aspectos do presente, entrelaçados com o passado, analisar representações, tecer perspectivas de uma realidade sociocultural, em que através das narrativas é possível observar aspectos políticos, sociais e históricos.

Um dos contos que concentra muitos desses aspectos representativos históricos e socioculturais, é o “O Caso das Toalhas Vermelha e Branca”⁵. Retratando década de 1930, o conto pinta o pano de fundo dos elementos econômicos do Porto, um Porto de outros tempos:

Isolada por terra dos demais centros do País, somente dispondo de uma via fluvial, cuja barra apenas dá passagem

5 Aqui incentivamos os leitores a fazer a leitura dos contos que fazem parte do livro “O porto” do autor Roberto Sousa Lé.



aos navios de pequeno calado nas marés de lua, nada mais importante do que a notícia da construção de uma rodovia ligando Cricarópolis à Capital. (LÉ, 1992, p.11).

Este acontecimento descrito no livro de Lé, também pode ser averiguado no documento elaborado pelo Governo do Estado do Espírito Santo a respeito dos Patrimônios Culturais do Espírito Santo – Arquitetura (2009) informando que no ano 1925 foi realmente construída a estrada de rodagem que integralizou efetivamente São Mateus ligando a outros núcleos econômicos e “...em 1963, tem início a construção da BR -101, ligando São Mateus à Vitória” (GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, 2009, p.299). Notamos aqui aspectos de como literatura e marcos históricos podem estar realmente conectados.

O autor Lé (1992, p.4) tem a preocupação sobre as interpretações das histórias, ainda na epígrafe deixa sua intenção: “Quaisquer semelhanças com fatos reais ou pessoas é mera coincidência. O objetivo deste livro é apenas divertir e não ferir suscetibilidades.”. Então se pode questionar: *Pelo seu caráter fictício a literatura perde o seu valor reflexivo para história?* A autora Pesavento (2006, p.9), em sua discussão no texto sobre História e literatura diz que contrapõe essa ideia, pois segundo ela, o valor da literatura está em sua problematização e não de ser uma verdade unificadora:

A verdade da ficção literária não está, pois, em revelar a existência real de personagens e fatos narrados, mas em possibilitar a leitura das questões em jogo numa temporalidade dada. Ou seja, houve uma troca substantiva, pois para o historiador que se volta para a literatura o que conta na leitura do texto não é o seu valor de documento, testemunho de verdade ou autenticidade do fato, mas o seu valor de problema.

Assim entendemos a partir de Pesavento que a ficção literária possui sua relevância em potencial no auxílio de alunados a compreender e problematizar contextos temporais distantes, aproximando-os das experiências narradas em determinado período da história.

Alguns dos contos do escritor Roberto de Souza Lé, possuem tons satíricos, relatam das movimentações que ocorriam na localidade de Cricarópolis. Discorrendo sobre diversos aspectos cotidianos, descrevendo lojas, armazéns, bares e cabarés, além de caracterizar muitos elementos e

representações da época, pode-se perceber pelas temáticas abordadas a divisão de classe social, a divisão de grupos por etnia e cor da pele, a representação da objetificação do corpo da mulher e o protagonismo do “Homem canalha”, percebem-se também estereótipos da mulher negra:

[...] Chegara há pouco tempo, vinda de Minas, uma prostituta de nome Cedilinha, mulata sacudida, pulseiras e aquele indefectivo cheiro de perfume Dyrce, vendido em tubinhos. Era sem dúvida alguma, a atual rainha do cabaré do Zé capenga. (LÉ, 1992, p.13).

A presença da personagem Cedilinha no conto é um fato interessante, sabe-se que na história local de São Mateus, após o contexto da construção da BR 101 há declínio da economia comercial do Porto, assim o local foi então ocupado por cabarés. Atualmente existe no local um marco de preservação dedicado às prostitutas que mantiveram a preservação dos casarios dos tempos coloniais:

[...] tem início a segunda fase histórica do desenvolvimento mateense, marcada pela decadência do porto e da economia local. Os casarões abandonados passaram a ser ocupados por prostitutas que os transformaram em cabarés. Ainda assim, por quase meio século, o casario foi preservado até que, a partir de 1968, com a expulsão dos cabarés, toda a área entra em um grande processo de deterioração física e social. (GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, 2009, p.302).

Além do contexto temporal e dos fatos que interligam os contos aos acontecimentos históricos do Porto de São Mateus, é possível perceber através destas narrativas algumas das modificações deste lugar ao longo dos anos e as mudanças que marcam seu declínio econômico. É passível também de uma análise problematizadora as transformações de estruturas sociais, quando este Porto, antes comercial e movimentado, passa por este declínio e abandono seguido da ocupação de cabarés e prostitutas, mudando drasticamente as representações deste lugar e em consequência a criação de estigmas que podem ser notados nas narrativas literárias.

Tais aspectos podem estar ligados aos afastamentos sociais e preconceitos ainda existentes nesta localidade atualmente. Assim mais uma vez atestamos como as manifestações artísticas literárias podem ser chaves de



aproximações e compreensões da história problema, que investiga e questiona através dos mais variados vestígios a história do tempo presente, assimilando passado e vida cotidiana.

Considerações finais

251

A aceleração do tempo é real, o mundo digital que tanto nos é útil em acessibilidade, também nos abarrota de informações tão rápidas quanto um “trem bala”, elas passam por nós durante todo o dia e no dia seguinte um turbilhão de novas informações e notícias já nos atravessam outra vez, informações descartáveis, e assim as relações entre presente e passado vão se transformando e tornando cada vez mais complexas de se conceituar. Entretanto há uma preocupação com o excesso de presente e o esquecimento do passado, o vácuo com o continuum, a perda da memória e o fim das narrativas.

Para o historiador Bloch (2001), existe uma função social da História, e ela está intrínseca no movimento de reflexão, a fim de alcançar compreensões para além do “presenteísmo” que podem ter como ponto inicial o contexto da vida cotidiana, pois para este autor, tudo tem uma história. Entretanto nos parece que há uma carência histórica de referência no ambiente de ensino, principalmente no que diz respeito ao ensino local sobre a história do Porto de São Mateus, aspectos que nos fazem refletir a necessidade de trazer essas narrativas à tona, a importância da experiência dos alunos com a memória, principalmente quando há marginalização e afastamento de um grupo e de um lugar.

Compreendemos a partir das ideias deste autor, a importância de compreender o presente pelo passado e correlativamente compreender o passado pelo presente, de forma que o antes e o agora estão ligados continuamente. Para se entender a deterioração de um lugar no presente como o Porto, é necessário refletir que caminhos foram traçados no passado.

Vimos que a literatura, enquanto elemento artístico que expressa a vida em si, pode conter potenciais recordações, invenções, narrativas e imaginações, que não possuem necessidade de se posicionar ou se inscrever



enquanto verdade absoluta. Entretanto possuem representações importantes para a contribuição da reflexão de aspectos sociais, históricos e culturais em sala de aula. O trabalho com contos literários, narrativas e memórias são excelentes sugestões de materiais para professores da educação básica, e podem sim se caracterizar enquanto possibilidade de proposta de ensino.

Referências

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. 453 p.

BLOCH, Marc. **Apologia da história**: ou o ofício de historiador. Zahar, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf Acesso em: 02 Jun.2021.

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Patrimônio Cultural do Espírito Santo - Arquitetura**. Vitória: SECULT, 2009. Disponível em:

<[https://secult.es.gov.br/Media/secult/EDITAIS/102-Documento-1436796643-100-Documento-1436454022-56-Documento-1427918086-atlas-patrimonio%20\(1\).pdf](https://secult.es.gov.br/Media/secult/EDITAIS/102-Documento-1436796643-100-Documento-1436454022-56-Documento-1427918086-atlas-patrimonio%20(1).pdf)>. Acesso em: 10 mai.2021.

LÉ, Roberto de Souza. **O Porto**. [s.n.]. Vila Velha. 1992.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 7ªed. revista. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013

MARQUES, Adilson Bulado. **Ensino de história local e patrimônio**: o caso do sítio histórico porto de São Mateus. 2019. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário Norte do Espírito Santo, São Mateus, 2019.

NORA, Pierre et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy et al. **História & literatura**: uma velha-nova história. *Nuevo mundo mundos nuevos*, v. 6, p. 11-27, 2006.

PERES, José Roberto Pereira Peres. **Questões atuais do Ensino de Arte no Brasil**: O lugar da Arte na Base Nacional Comum Curricular. *Revista do Departamento de Desenho e Artes Visuais*, v. 1, n. 1, p. 24, 2017.

RUSSO, Maria Do Carmo de Oliveira. **A Escravidão em São Mateus/ES: Economia e demografia (1848-1888)**. Tese de doutorado. Universidade de



São Paulo (USP) Programa de Pós-Graduação em História Econômica. São Paulo, 2011.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria da Cultura. Secretaria da Cultura (Secult). **Tombamento**. Disponível em: <https://secult.es.gov.br/tombamento>. Acesso em: 10 maio 2021.

253

Sobre a autora

Késya de Oliveira Nobre

kesya.nobre16@gmail.com

Pesquisadora - Bolsista FAPS, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB/UFES), graduação em Pedagogia - Licenciatura pela Universidade Federal do Espírito Santo.

Recebido em: 28/06/2021

Aprovado em: 03/09/2021

